



Política Externa Do Catar: Uma Interpretação A Partir De Robert W. Cox

Qatar's Foreign Policy: An Interpretation From Robert W. Cox

La política exterior de Qatar: una interpretación de Robert W. Cox

Denise De Rocchi¹

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2022v19n4pX-X

Recebido em: 19 de setembro de 2022

Aprovado em: 22 de janeiro de 2023

RESUMO

A política externa implementada pelo Catar após 1995 apresenta características incomuns para um pequeno Estado. A complexa estratégia de projeção internacional é analisada tendo como aporte teórico o trabalho de Robert W. Cox, de inspiração gramsciana, descrevendo como o Catar mobilizou capacidades materiais, instituições e ideias para atingir seus objetivos.

Palavras-chave: Catar; Teoria Crítica; Política Externa.

ABSTRACT

Qatar's foreign policy after 1995 has unusual characteristics for a small state. The complex strategy of international projection is analyzed using the Gramscian-inspired work of Robert W. Cox as theoretical support, describing how Qatar mobilized material capacities, institutions, and ideas to achieve its goals.

Keywords: Qatar; Critical Theory; Foreign policy.

RESUMEN

La política exterior aplicada por Qatar después de 1995 presenta características inusuales para un Estado pequeño. La compleja estrategia de proyección internacional se analiza a partir de la obra de inspiración gramsciana de Robert W. Cox, describiendo cómo Qatar movilizó capacidades materiales, instituciones e ideas para alcanzar sus objetivos.

Palabras clave: Catar; La teoría crítica; Política externa.

¹ Jornalista, Mestra em Relações Internacionais (UFRGS) e Doutora em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI/UFRGS). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa sobre Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA/UFRGS). E-mail: derocchi@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Catar é um pequeno estado, com apenas 2 milhões de habitantes, dos quais apenas 300 mil são cidadãos, vivendo na pequena península de 11.437 km² dentro da grande península árabe. No entanto, a economia, impulsionada pela exploração do gás natural, e a atuação em grandes temas da política internacional colocaram esta monarquia em maior evidência nas últimas três décadas.

A reorientação na política doméstica e externa ganhou impulso a partir de 1995, quando o emir Hamad bin Khalifa Al Thani destituiu o pai e assumiu o poder. Para atingir seus objetivos, o novo governo do Catar desenvolveu ações diversas, que incluem maior atividade diplomática, implementação de campi de universidades estrangeiras no país, criação da rede de televisão Al Jazeera (voltada ao público externo) e atração de grandes eventos mundiais, como a Copa do Mundo de futebol.

Na literatura acadêmica, diversos autores - como Lina Khatib (2010, 2013), Aziz Douai (Chitty et al., 2017) e Rubin (2010) - abordam a política catari através do conceito de *soft power*, desenvolvido por Joseph Nye. Tal escolha se deve à natureza de algumas das ações adotadas, cujo foco envolvia formação de alianças ou a construção de uma imagem positiva do Catar. Em recente artigo formulado por pesquisadores catari, a estratégia de política externa do país é classificada como *nested power*: um arranjo com ações de diferentes tipos, direcionadas a múltiplos atores internacionais para buscar maior projeção internacional (Al Horr Et Al., 2016; Al-Horr; Tok; Gagoshidze, 2019). Para Diana Galeeva (2022), o Catar vale-se de sua riqueza para apoiar atores não estatais, como grupos islâmicos, e obter influência transnacional, o que ela classifica como *rented power*.

Este artigo propõe uma análise da estratégia de política externa do Catar a partir da Teoria Crítica, considerando diferentes forças, como proposto por Robert Cox (Cox; Sinclair, 1996): capacidades materiais, instituições e ideias. A interação entre estes elementos compõe a estrutura dentro da qual ações são tomadas.

O trabalho está organizado em sete seções, incluindo esta introdução e as considerações finais. A segunda apresenta o contexto histórico no qual ocorreu este redirecionamento da política doméstica e externa, destacando a relação entre o governo e as elites. Na seção três, serão abordados os aspectos econômicos e militares, que podem ser classificados como capacidades materiais deste país. Na seção quatro, a participação do Catar em organismos internacionais e regionais, através dos quais conduziu tanto esforços de mediação quanto articulou pedidos de intervenção em conflitos internacionais. Na seção cinco, discutimos as ações do Catar que, dentro da proposta teórica de Robert Cox, podem ser relacionadas ao campo das ideias, como a criação da rede de TV Al Jazeera.

CATAR: ELITES E GOVERNO

Antes de declarar a independência em 1971, a família Al Thani já liderava o Catar e entre os anos de 1972 e 2017 ocupou entre 18% e 63% dos cargos em nível ministerial no país (Snoj, 2017). Logo após a transição de protetorado britânico para país independente, o xeque Khalifa bin Hamad Al Thani foi denominado emir e governou até 1995, até ser destituído por um de seus filhos.

Do ponto de vista econômico, os anos 1990 foram decisivos para que o país chegasse à posição atual de maior PIB per capita do mundo, com a exploração do campo de gás natural que divide

com o Irã. Porém os primeiros resultados não satisfizeram plenamente a elite catari. Em 1992, o emir recebeu uma carta assinada por cerca de 50 membros destas famílias influentes com diversas demandas relacionadas à modernização do país e maior desenvolvimento econômico: ele não só refutou o pedido como condenou os autores da carta, segundo Baskan (2016).

Muitas das demandas apresentadas naquela época foram gradualmente implementadas durante a gestão do filho do emir, Hamad bin Khalifa Al Thani, que destituiu o pai em 1995. Entre as mudanças trazidas no âmbito doméstico, estão a realização de eleições municipais, em 1999; o fim da censura, em 1996; e maior investimento em saúde e educação, previstos nas metas do Qatar National Vision 2030 (El Nawawy; Iskandar, 2003; General Secretariat For Development Planning, 2008).

Em 1996, houve uma tentativa mal sucedida de destituir o emir Hamad Al Thani e mesmo quando a região foi sacudida pela Primavera Árabe, a partir de 2011, o monarca se manteve no trono, transmitindo o poder ao filho Tamim bin Hamad Al Thani, em 2013. Ser um país pequeno mostrou-se uma vantagem quanto à manutenção da coesão interna e à capacidade do Estado de promover políticas de bem estar social. David Roberts considera que a população catari é “simplesmente rica demais para protestar” (apud Abu Sulaib, p.39, 2017).

Podemos considerar que a partir de 1995 um novo consenso se formou entre governo e elites sobre como conduzir o país, trazendo mudanças também na política exterior. O Catar passou a adotar uma linha de ação considerada pouco usual para estados pequenos (Kabalan, 2019; Mansour, 2016). Tanto Mansour (2016) quanto Baskan (2016) apontam a preocupação com a segurança do país como um dos motivos

para o governo catari buscar maior projeção internacional, ao observar o que ocorreu com o Kwait, outra monarquia do Golfo invadida em 1990. A conclusão foi de que confiar a própria segurança a um único aliado (a Arábia Saudita) era uma estratégia arriscada.

Para Kabalan, a elite catari “adotou uma política externa ativa que promoveu seus interesses políticos e econômicos e sua ambição de assumir um papel influente na região” (2019, p. 74). Porém a execução desta política externa fica basicamente a cargo de integrantes da família Al Thani (Görgülü, 2018). Kristian Ulrichsen (2014) se refere a um “quadriunvirato” que definiu a linha de ação do país: o emir Hamad bin Khalifa Al Thani; sua esposa, xeica Moza; o filho de ambos, Tamim, que sucederia o pai em 2013; e o ministro Hamad bin Jassim Al Thani.

O mesmo autor ressalta que o complexo equilíbrio que o país tenta manter atuando em tantas frentes pode parecer “esquizofrênico” (2014, p. 70) a observadores externos. Uma das características da nova política catari é a busca de alianças em diferentes áreas com um leque amplo de países, incluindo potências ocidentais e também regionais, como Irã e Israel, além de atores não estatais, como a Irmandade Muçulmana (Başkan, 2016; Freer, 2017; Rabi, 2009; Roberts, 2014).

CAPACIDADES MATERIAIS

De acordo com a proposta de Cox, capacidades materiais podem ser “capacidades tecnológicas e organizacionais, (...) recursos naturais que a tecnologia possa transformar, estoques de equipamentos (por exemplo, indústrias e armamentos) e a riqueza que pode levar a isto” (Cox; Sinclair, 1996, p. 96). Desenvolve-las é um desafio adicional para um Estado de pequenas dimensões.

A população pequena, homogênea e concentrada na capital, tornou o país menos propenso a movimentos contestatórios, de acordo com Justin Gengler (2012). Por outro lado, o país tem apenas 14 mil militares na ativa, apesar do orçamento para a defesa ultrapassar os US\$5,86 bilhões. Para não depender unicamente da proteção saudita, o Catar buscou alianças militares. Uma das de maior destaque foi a que colocou em solo catari a base militar norte-americana Al-Udeid, aproveitando a conjuntura pós 11 de setembro e se apresentando como uma alternativa à Arábia Saudita, num momento em que cidadãos sauditas eram acusados de envolvimento com grupos extremistas (Ulrichsen, 2014) ².

Nas palavras do Departamento de Estado dos EUA, “o Catar tem desempenhado um papel construtivo financeira, política e militarmente ao lidar com instabilidade regional e, em parceria com os Estados Unidos, tem contribuído para o progresso, estabilidade e prosperidade na região” (US Department Of State, 2020). Em janeiro de 2022, durante visita do emir à Washington, o presidente Joe Biden anunciou sua intenção de declarar o país árabe como aliado extra-OTAN (*major non-NATO ally*), status que traz benefícios como acesso a empréstimos e equipamentos para defesa e segurança (Price, 2022) ³.

Os Estados Unidos tornaram-se o principal parceiro do país na área de segurança, mas Saoud Al-Eshaq e Amjed Rasheed (2022) avaliam que o Catar precisou adaptar sua estratégia

devido à reorientação da abordagem norte-americana para a região durante a gestão Trump, que se concentrou na Arábia Saudita e Irã. Com menor espaço de ação, o governo catari tomou iniciativas como assinar um acordo bilateral sobre combate ao terrorismo. Além disso, o Catar buscou parcerias alternativas aos EUA, o que conseguiu concretizar aproximando-se da Turquia nos últimos anos (Phillips, 2017).

A demografia também exige suprir a mão de obra com estrangeiros, que representam mais de 80% dos residentes no país. O país tem 168 mil empresas, sendo cerca de 35 mil na indústria da construção civil, setor responsável por 11,9% do PIB (Ministry Of Commerce And Industry, 2022). Entre 1995 e 2006, o Catar se tornou o maior exportador mundial de gás natural (Başkan, 2016). Os hidrocarbonetos ainda são o principal setor econômico do país, embora esta participação tenha caído de 57% em 2000 para 37,3% em 2021 (Oxford Business Group, 2022).

O país constituiu um fundo soberano, com valor estimado em 2016 de US\$ 256 bilhões (Al Horr et al., 2016) e que é estimado atualmente em US\$ 450 bilhões, sendo o 9º do ranking mundial do Sovereign Wealth Fund Institute (SWFI, 2022). A responsável por geri-lo é a Qatar Investment Authority (QIA), investindo em diversas áreas. A participação acionária em bancos europeus tem sido um dos focos, assim como o setor imobiliário, com a compra de imóveis diversos países. Entre os negócios recentes, anunciados nos últimos dois anos, há também investimentos ligados a infraestrutura, como a participação acionária de 25% em concessionária de energia em Mumbai, em valor estimado de US\$450 milhões, e a aquisição de 24,5% de uma administradora de rodovias turca (QIA, 2019; 2022). Alguns

2 A associação entre o governo saudita e terrorismo teve certa repercussão entre a opinião pública norte-americana e em 2016 o congresso dos EUA aprovou uma lei autorizando as famílias das vítimas do 11 de setembro a moverem ações para responsabilizar os sauditas pelas mortes.

3 Dezenove países são tratados como *major non-NATO allies*, sendo o Catar o terceiro do Golfo Árabe a receber este título.

dos investimentos realizados pela QIA tem vinculação política: recursos foram anunciados a países como Iêmen e Egito após os esforços de mediação do Catar (Ulrichsen, 2014).

Embora as alianças militares sejam conquistas relevantes, o poder econômico é o símbolo de força mais evidente em relação ao Catar. O PIB saltou de US\$ 17,76 bilhões, no ano 2000, para US\$ 206,22 bilhões em 2014. Mesmo com perdas nos últimos anos, o patamar atual, de US\$ 144,44 bilhões, representa uma grande evolução para um período de duas décadas. O PIB per capita coloca o país entre os de alta renda, mas a distribuição ainda é bastante desigual entre nacionais e trabalhadores estrangeiros vivendo no país, cuja renda é em média metade da obtida por cidadãos catari (Ministry Of Development Planning And Statistics, 2015). Dados mais recentes, reunidos pela World Inequality Database, indicam que a metade mais pobre da população do Catar detém apenas 9% da renda e o 1% mais rico, 23,6%.

INSTITUIÇÕES

Para Robert Cox, há uma ligação entre a institucionalização e o que Gramsci conceitua como hegemonia. As instituições permitem estabilizar e manter uma determinada ordem, pois elas promovem ideias coletivas que são consistentes com as relações de poder existentes, ainda que em alguns momentos possam ser palco de disputas entre grupos que possuem visões políticas distintas.

Embora a posição hegemônica seja questionada em função da ascensão econômica de países do sul global, a ordem mundial que ainda predomina é a liberal, embasada em valores como livre-comércio e direitos humanos. A maioria das instituições foram moldadas sob a liderança

dos Estados Unidos no pós II Guerra e operam dentro destas regras. As condições para o Catar modifica-las são limitadas, mas ele atua através delas e traçou como meta atingir o número de 30 catariis trabalhando em organizações internacionais e regionais até 2022 (Qatar, 2021).

Na apresentação de sua política externa, o governo catari ressalta seu envolvimento com cooperação internacional, associando tais iniciativas com as metas de desenvolvimento sustentável. No início dos anos 2000, o Catar liderou a Organização da Conferência Islâmica (2000 a 2003), presidiu o Conselho de Cooperação do Golfo (2002) e dirigiu o encontro do G77 + China (2004). Também foi eleito membro não permanente do Conselho de Segurança da ONU para o biênio 2006/2007, mandato do qual Ulrichsen destaca duas ações: a tentativa de bloquear resoluções sobre a prisão do presidente do Sudão, Omar al-Bashir, e o voto contrário a uma resolução contra o programa nuclear do Irã.

Além deste mandato no CSNU, outra posição em organismo internacional que permitiu ao Catar um papel de destaque foi a liderança da Liga Árabe em 2011. Ocupando a presidência, o Catar influenciou a decisão da entidade regional de apoiar uma intervenção militar diante da crise líbia, posicionamento que legitimou as demandas revolucionárias (Alaaldin, 2016). Ressaltamos ainda as rodadas de negociação entre EUA e o Talibã, iniciadas em 2018, realizadas em Doha, local de preferência do movimento (Behuria; Ul Hassan; Saroha, 2019). Anos antes, o Catar havia abrigado um escritório político do Talibã e acolhido suas lideranças (Galeeva, 2022) e em 2020 não só foi mediador do acordo como foi destino escolhido por países do norte global para deslocar as embaixadas de Cabul, fechadas quando os EUA se retiraram e a capital afegã foi retomada (Cornwell, 2021).

IDEIAS

Em uma perspectiva neogramsciana, a busca pela hegemonia é um processo no qual força e consenso são complementares, dependendo tanto da base material quanto ideacional (Zahrán; Ramos, 2010). Neste sentido, iniciativas de diplomacia pública, em especial as que envolvem comunicação, podem reforçar ou questionar ideias e valores consensuados, pois como pontua Robert Cox (Cox; Sinclair, 1996), uma estrutura alternativa pode surgir a partir do confronto de ideias sobre a ordem social.

Em 1995, o governo catari financiou o ambicioso projeto de criação de uma nova rede de televisão direcionada ao mundo árabe, com investimento inicial de US\$ 137 milhões (Abu Sulaib, 2017). Em uma região cujos países figuram nas últimas posições em rankings de liberdade de imprensa e de expressão, a Al Jazeera conquistou o público falante de árabe ao trazer debates sobre temas que não costumavam ser noticiados (Touzani, 2010). Até então, os espectadores dependiam das transmissões internacionais de redes como a BBC ou a Voz da América para assistir notícias sobre assuntos políticos considerados sensíveis (Kabalan, 2019).

A Al Jazeera ampliou ainda mais seu alcance ao disponibilizar conteúdo pela internet e por transmitir também em inglês, a partir de 2006. Em 2019, a empresa estava presente em uma centena de países e tinha três mil empregados. Manuel Castells (2015) inclui a emissora catari no rol de veículos de comunicação que são fontes para outros canais no mundo formarem a pauta do noticiário diário e agendarem o debate público. Mesmo críticos, como David Hoffmann (2002), reconhecem a posição de destaque conquistada pela Al Jazeera, chamada por Birol Baskan de “iniciativa de política externa mais valiosa do Catar” (2016, p. 42).

Seu valor ficou mais evidente durante a Primavera Árabe. No Egito, a Al Jazeera deu ampla cobertura às manifestações que levaram à queda de Mubarak e à eleição de Mohamed Morsi, que receberia depois o apoio econômico do Catar (Abu Sulaib, 2017). Apenas os protestos no Bahrein não receberam destaque, por razões políticas. Também são exemplos da relação política/jornalismo a amenização das críticas aos sauditas em alguns períodos e a promessa de uma cobertura mais suave a Mubarak em 2009, em troca de apoio aos palestinos, revelada pelo Wikileaks (Abu Sulaib, 2017; Khatib, 2010).

Quanto às críticas, o ápice foi em 2017, quando Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos e Bahrein decretaram um bloqueio ao Catar, incluindo entre as exigências para seu término o fechamento da Al Jazeera. O governo catari não recuou, tirou proveito da visibilidade do caso internacionalmente, contornou o impacto econômico dando sequência a obras para a Copa do Mundo de 2022 e recorreu a países como o Irã para abastecimento de itens essenciais (Al-Horr; Tok; Gagoshidze, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mencionamos no início deste trabalho algumas tentativas de encontrar um aporte teórico mais adequado para interpretar a política externa catari. Propusemos ao longo das seções uma análise a partir da leitura gramsciana que Robert Cox trouxe para as Relações Internacionais.

Mesmo ciente de suas limitações, o Catar não restringiu sua estratégia à atuação diplomática ou à construção de uma imagem positiva entre o público estrangeiro. Buscou parcerias para reduzir suas fragilidades quanto à segurança e para fortalecer-se economicamente, o que lhe garantiu recursos para apoiar parceiros e dar suporte à sua diplomacia.

As três categorias de forças – capacidades materiais, instituições e ideias – foram mobilizadas pelo Catar para projetar-se internacionalmente. Não há como creditar a uma única linha de ação os resultados obtidos: o boom econômico permitiu ao país financiar sua rede de televisão e dar suporte a organizações ou países aliados; a atuação diplomática abriu portas para novos negócios; a emissora estatal destacou para o público estrangeiro temas e causas convergentes com a política do país.

Apesar das críticas e do bloqueio que o país enfrentou, a estratégia catari colocou esta monarquia em evidência. Mesmo sem reunir as condições materiais para suplantando potências, o Catar conseguiu ser visto como um mediador confiável e ator relevante em diversos momentos, contrariando as expectativas para um pequeno estado.

Até o momento, o balanço deste maior envolvimento em grandes questões diplomáticas e a maior exposição do país é positivo. Porém a visibilidade e o posicionamento em conflitos podem deixar o país mais suscetível a críticas da opinião pública estrangeira, cujo apoio o Catar tenta conquistar.

REFERÊNCIAS

- ABU SULAIB, F. M. Understanding Qatar's foreign policy - 1995-2017. *Middle East Policy*, v. XXIV, n. 4, p. 29-44, 2017.
- AL HERR, A. et al. Qatar's Global-Local Nexus: From Soft to Nested Power? Em: TOK, E.; ALKHATER, L.; PAL, L. (Eds.). *Policy-Making in a transformative state - the case of Qatar*. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- ALAALDIN, R. Libya & the Arab League. Em: HENRIKSEN, D.; LARSEN, A. K. (Eds.). *Political Rationale and International Consequences of the War in Libya*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- AL-ESHAQ, S.; RASHEED, A. The 'David' in a Divided Gulf: Qatar's Foreign Policy and the 2017 Gulf Crisis. *Middle East Policy*, 2022.
- AL-HERR, A. M.; TOK, M. E.; GAGOSHIDZE, T. Rethinking Soft Power in the Post-Blockade Times: The Case of Qatar. *Digest of Middle East Studies*, v. 28, n. 2, p. 329-350, 1 nov. 2019.
- BAŞKAN, B. *Turkey and Qatar in the tangled geopolitics of the Middle East*. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
- BEHURIA, A.; UL HASSAN, Y.; SAROHA, S. Us-taliban talks for afghan peace: complexities galore. *Strategic Analysis*, v. 43, n. 2, p. 126-137, 4 mar. 2019.
- CASTELLS, M. *O poder da Comunicação*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- CHITTY, N. et al. *The Routledge Handbook of Soft Power*. [s.l.] Routledge, 2017.
- CORNWELL, A. The West owes Qatar a favor over Afghanistan. That was the point. *Reuters*, 8 set. 2021.
- COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. *Approaches to World Order*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- EL NAWAWY, M.; ISKANDAR, A. *Al-Jazeera: The story of the network that is rattling governments and redefining modern Journalism*. [s.l.] Westview Press, 2003.
- FREER, C. Rentier Islamism in the absence of elections: The political role of Muslim Brotherhood affiliates in Qatar and the United Arab Emirates. *International Journal of Middle East Studies*, v. 49, n. 3, p. 479-500, 1 ago. 2017.
- GALEEVA, D. *Qatar: The Practice of Rented Power*. Abingdon: Routledge, 2022.
- GENERAL SECRETARIAT FOR DEVELOPMENT PLANNING. *Qatar National Vision 2030*. Doha: [s.n.]. Disponível em: <www.planning.gov.qa>.
- GENGLER, J. The political costs of Qatar's Western orientation. *Middle East Policy*, v. XIX, n. 4, p. 68-76, 2012.
- GÖRGÜLÜ, A. *Qatar and Syria Crisis*. Istanbul: [s.n.]. Disponível em: <http://podem.org.tr/en/researches/qatar-and-syria-crisis/>. Acesso em: 17 maio. 2022.
- HOFFMAN, D. Beyond Public Diplomacy. v. 81, n. 2, p. 83-95, 2002.
- KABALAN, M. Actors, Structures and Qatari Foreign Policy. *AlMuntaqa*, v. 2, n. 2, p. 61, 2019.
- KHATIB, L. Wikileaks, Al Jazeera and the Qatari's public diplomacy challenge. *CPD blog*, 6 dez. 2010.
- KHATIB, L. Qatar's foreign policy: The limits of pragmatism. *International Affairs*, 2013.
- MANSOUR, I. Qatar's Global Activism. Em: BRAVEBOY-WAGNER, J. (Ed.). *Diplomatic Strategies of Nations in the Global South*. New York: Palgrave Macmillan, 2016. p. 345-369.
- MINISTRY OF COMMERCE AND INDUSTRY. *State Of Qatar Business Map*. Disponível em: <https://businessmap.moci.gov.qa/en/>. Acesso em: 17 set. 2022.
- MINISTRY OF DEVELOPMENT PLANNING AND STATISTICS. *Household expenditure and income survey 2012/2013: Measuring of Living in Qatar*. Doha: [s.n.].
- OXFORD BUSINESS GROUP. *The Report: Qatar 2022*. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://oxfordbusinessgroup.com/qatar-2022/country-profile>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- PHILLIPS, C. Eyes Bigger than Stomachs: Turkey, Saudi Arabia and Qatar in Syria. *Middle East Policy*, v. XXIV, n. 1, p. 36-47, 2017.
- PRICE, N. *Department Press Briefing – January*. Disponível em: <https://www.state.gov/briefings/department-press-briefing-january-31-2022/>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- QATAR. *Ministry of Foreign Affairs*. Disponível em: <mofa.gov.qa>. Acesso em: 17 mar. 2021.

QIA. **QIA & Douglas Emmett Acquires The Glendon - Los Angeles**. 1º de julho de 2019. Disponível em: <<https://www.qia.qa/en/Newsroom/Pages/QIA-&-Douglas-Emmett-Acquires-The-Glendon---Los-Angeles.aspx>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

QIA. **QIA partners up with SK ecoplant on Eurasia Tunnel in Istanbul, Turkey**. 19 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.qia.qa/en/Newsroom/Pages/QIA-partners-up-with-SK-ecoplant-on-Eurasia-Tunnel-in-Istanbul,-Turkey.aspx>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

RABI, U. Qatar's Relations with Israel: Challenging Arab and Gulf Norms. **The Middle East Journal**, 2009.

ROBERTS, D. B. Qatar and the Brotherhood. **Survival**, v. 56, n. 4, p. 23–32, 2014.

RUBIN, L. A Typology of Soft Powers in Middle East Politics. n. December, p. 1–24, 2010.

SNOJ, J. **A guide to the most powerful families in Qatar**. Disponível em: <<http://priyadsouza.com/powerful-families-qatar-al-thani/>>. Acesso em: 15 set. 2022.

SWFI. **Top 100 Largest Sovereign Wealth Fund Rankings by Total Assets**. Disponível em: <Top 100 Largest Sovereign Wealth Fund Rankings by Total Assets>. Acesso em: 17 set. 2022.

TOUZANI, F. The role of Al-Jazeera in empowering Arab civil society. **CEU Political Science Journal**, v. 5, n. 2, p. 255–279, 2010.

ULRICHSEN, K. C. **Qatar and the Arab Spring**. New York: Oxford University Press, 2014. US DEPARTMENT OF STATE. **U.S. Relations With Qatar**. Disponível em: <<https://www.state.gov/u-s-relations-with-qatar/>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ZAHARAN, G.; RAMOS, L. From hegemony to soft power: Implications of a conceptual change. Em: PARMAR, I.; COX, M. (Eds.). **Soft Power and US Foreign Policy**. London: Routledge, 2010.